

*O poeta nada consegue, não consegue dar remédio ao mal; só o escutam quando elogia o mundo, não quando o retrata tal como ele é.*¹
Hermann Broch

Conta-nos Umberto Eco que “com a conquista do fogo nascem as artes”².

Tal como era relatado pelos gregos, Prometeu roubou o fogo divino e ofereceu-o aos homens, salvando-os da fatalidade da sua condição nua e vulnerável. “Aprendendo a fazer o fogo”, diz-nos Eco, “o homem assenhoreia-se de um poder que estava, até então, reservado aos deuses”, e com ele conquista a matéria, domina-a, transforma-a, celebra o cumprimento da técnica, combate o medo do desconhecido, desvenda a escuridão, clareia a vigília, aquece e alimenta o corpo. No entanto, sabemos que o fogo como elemento místico e divino entregue às mãos dos homens não é exclusivo à mitologia grega. O fogo pode ser visto como o elemento condutor e catalisador que leva os homens ao encontro dos deuses e dos espíritos, numa cerimónia mística, viagem purificadora, ascendente, mas podemos encontrá-lo também como símbolo de castigo, de penitência, de uma condenação eterna num inferno em chamas. Mas aquilo que o domínio do fogo inaugura, desde o início dos tempos, não é tão-somente o acesso a um segredo espiritual, distante, apartado da vida dos homens, mas, porventura, ao elo primordial, íntimo, profundamente verdadeiro, da relação estabelecida entre o homem e o mundo que o envolve.

Com o fogo, os homens iluminaram as grutas, as trevas húmidas, frias e ameaçadoras, encontrando nelas abrigo e seguridade. Entre a luz trémula das chamas das fogueiras altas, os homens viram monstros, feras assombrosas que os perseguiam e guiavam em sonhos, e nas paredes das cavernas desenharam formas animais e formas humanas. Esculpiram e escavaram a rocha, criaram câmaras subterrâneas onde cuidaram os vivos e depois os mortos, cumprindo o luto em mausoléus sob a terra, nesses sepulcros posteriormente encerrados onde a lei do tempo não prevalece. Por dominarem o fogo e por executarem as técnicas conquistadas ao manipulá-lo, iluminando o que pintavam e o que gravavam, o que esculpiam, o que moldavam através do papiro humedecido e dos panos embebidos em óleos e tintas, ou liquidificando e modelando o cobre ou o ferro, o ouro ou o vidro, os homens criaram obras de arte pela procura de vencer a mortalidade, *transcendendo* assim a sua condição primeira. E, ao transcendê-la dessa forma, foram capazes de suspender a cadência natural do tempo³. Talvez por isso, quando Howard Carter viu pela primeira vez, à luz da vela, o túmulo perdido do Rei Tut, repleto de esculturas, de gravuras e de pinturas entregues à eternidade, tesouros acumulados no chão e tesouros que ocupavam as paredes, tenha declarado que o tempo, como entendido pelos homens, perdera ali todo o seu significado.

Estas obras de João Hogan e de Bruno Cidra falam-nos daquilo que, muito intimamente, diz respeito ao homem e à relação do homem com o mundo, com o mundo *tal como ele é*, como é visto, como é contactado, como é construído. Falam-nos de algo que tem que ver com a mais sincera relação com a matéria, a relação das mãos com a matéria em chamas ou humedecida, dando-nos a conhecer a sua manipulação e a sua possível metamorfose, sob práticas e experiências alquímicas, ancestrais, primitivas, entre fios de água e línguas de fogo, trevas e revelação, obscuridade e luz. Falam-nos também, pela tão franca afinidade à matéria, da experiência do tempo e da acção do tempo sobre as coisas, sobre a condenação ao pó e à ferrugem, à corrosão do metal, à deterioração do papel, sentença inexorável daquilo que é usado, manuseado e deixado para outros tempos e para outros olhares.

Há marcas de placas de cobre que foram superfície do traço e da mancha, “mordidas” pelos sucessivos banhos de ácido, buriladas, raspadas, riscadas; *formas no espaço* gravadas e entregues ao papel, reveladas através da tinta negra. Há esculturas que nos deixam vislumbrar fios e canos de cobre esverdeados, azulados, vísceras metálicas compactadas, agrupadas, moldadas, pisadas; corpos suspensos, esqueletos pousados, formas reintegradas pela pasta de papel outrora húmida, contaminada pela cor térrea da ferrugem. Fragmentos daquilo que, uma vez vencida a solidez e brutalidade da matéria pesada, se fez leve.

Mas mais do que de ruínas, fragmentos e vestígios do que fica *depois* do tempo, o trabalho de gravura de Hogan e o trabalho de escultura de Cidra falam-nos sobretudo da vida, do engenho das mãos em tributo à terra, de uma nostalgia original pelo que é terreno, pela conquista primitiva dos elementos, pelo conhecimento das suas leis e dos seus movimentos, das suas forças, pulsões e suspensões, equilíbrios e perturbações, fazendo-nos reconhecer, assim, essa eterna resiliência do homem perante um mundo que é alcançado, que é compreendido, e que nos é dado tão claramente a redescobrir através do trabalho desses que, recorrendo às palavras de José Augusto França, vivem “no gosto de lidar com as mãos”⁴.

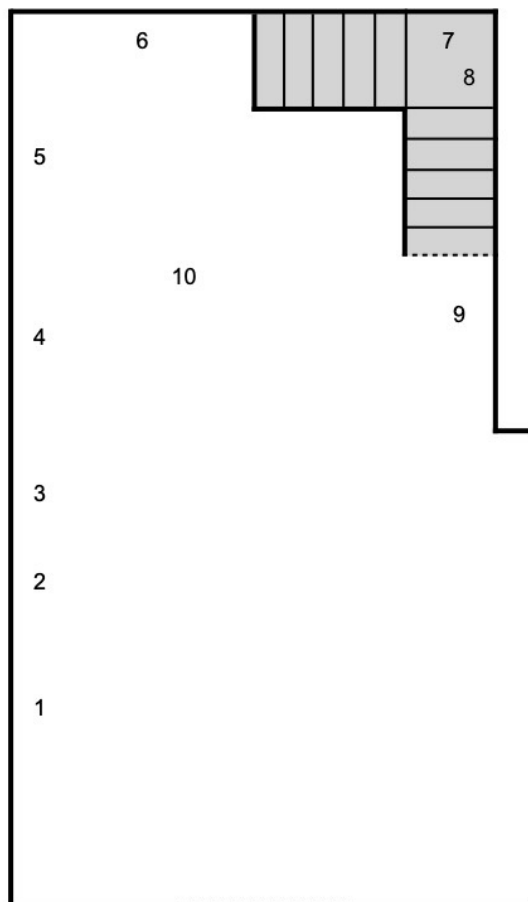
¹ Hermann Broch, *A Morte de Virgílio*, trad. de Maria Adélia Silva Melo, Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2014, p. 16.

² Umberto Eco, *Aos Ombros de Gigantes – Lições em La Milanesiana 2001-2015*, trad. de Eliana Aguiar, Gradiva, Lisboa, 2018, p. 167.

³ Vejam-se as considerações de Mircea Eliade sobre o domínio do fogo, a experiência e a transcendência místicas nas tradições arcaicas, in *Mitos, Sonhos e Mistérios*, trad. de Samuel Soares, Edições 70, Lisboa, 2000, pp. 76 et seq.

⁴ José Augusto França, “Não há pintura sem gosto de mãos lidando”, in M. Martins da Silva, *Obra Gravada de João Hogan*, prefácio de Rui Mário Gonçalves, INCM, Lisboa, 1984, p. 35.

UPPERCUT



1. João Hogan
Formas no Espaço I
1964
Água-tinta e verniz mole em preto e branco
Superfície impressa: 37 x 24,5 cm
Papel: C. M. Fabriano/ 50 x 39 cm
Tiragem de 24 exemplares
Oficina: Gravura
Editor: João Hogan
2. Bruno Cidra
Sem título
2019
Papier mâché sobre cobre
24 x 41 x 2,5 cm
3. João Hogan
Tauromaquia
1967
Água-tinta e água-forte em preto e branco
Superfície impressa: 25 x 39,3 cm
Papel: Fabriano 50% Cotone/ 50 x 71 cm
Tiragem de 20 exemplares
Oficina: Gravura
Editor: João Hogan
4. Bruno Cidra
Sem título
2019
Papier mâché sobre cobre
50 x 21 x 4 cm
5. João Hogan
Formas no Espaço VII
1966
Água-tinta e água-forte em preto e branco
Superfície impressa: 35 x 24 cm
Papel: Rives/ 56,3 x 38 cm
Tiragem de 15 exemplares
Oficina: Gravura
Editor: João Hogan
6. Bruno Cidra
Sem título
2020
Papier mâché sobre cobre
49 x 20 x 7 cm
7. João Hogan
Visceras
1966
Água-tinta e água-forte em preto e branco
Superfície impressa: 35 x 24,5 cm
Papel: B. F. K./ 56 x 38 cm
Tiragem de 15 exemplares
Oficina: Gravura
Editor: João Hogan
8. João Hogan
Formas no Espaço III
Água-tinta e água-forte em preto e branco
Superfície impressa: 35 x 24,5 cm
Papel: C. M. Fabriano leve/ 58 x 44 cm
Tiragem de 10 exemplares
Oficina: Gravura
Editor: João Hogan
9. Bruno Cidra
Sem título
2019
Papier mâché sobre cobre
51 x 21 x 8 cm
10. Bruno Cidra
Sem título
2020
Papier mâché sobre cobre
13 x 63 x 35 cm